

1. A Necessidade de Deuses

Nas considerações sobre como conduzir o ensino dos nossos jovens, os adultos deverão resolver dois problemas: um de engenharia; o outro, metafísico. O de engenharia, como acontece sempre nestes casos, é essencialmente um problema técnico. É a questão dos *meios* pelos quais os jovens se tornarão seres instruídos e debruça-se sobre onde e quando tomar medidas e, como é óbvio, como deverá desenrolar-se a aprendizagem. Este não é um problema simples e qualquer livro honesto sobre o ensino deverá apresentar soluções para o mesmo.

Contudo, não deveremos esquecer que muitas vezes sobrestimamos a engenharia do ensino, atribuímos-lhe uma importância que esta não merece. Tal como diz um antigo provérbio, «há muitas maneiras de caçar ratos». O mesmo se passa com a aprendizagem. Ninguém pode afirmar ser esta ou aquela a melhor maneira de saber, de sentir, de ver, de relembrar, de aplicar ou relacionar conhecimentos e que nenhum outro método servirá igualmente bem. Com efeito, fazer tal afirmação equivale a banalizar a aprendizagem, a reduzi-la a uma competência mecânica.

É certo que existem muitos conhecimentos que não passam de meras competências mecânicas e, nesses casos, é bem possível que haja outros métodos mais apropriados. Mas quando nos

transformamos, enquanto pessoas, devido a algo que aprendemos — quando apropriamos um entendimento, um conceito, uma visão que nos altera o mundo — o caso muda de figura. Para que isto aconteça, é necessária uma razão e é este o problema metafísico a que me refiro.

Uma razão, tal como emprego aqui a palavra, é diferente de uma motivação. No contexto do ensino, a motivação refere-se a um evento psíquico temporário no qual se desperta a curiosidade e se concentra a atenção. Não pretendo apoucar este evento, mas não deveremos confundir-lo com uma razão para estar numa sala de aula, para prestar atenção ao professor, para comparecer a um exame, para fazer os trabalhos de casa, para aturar a escola mesmo quando não nos sentimos motivados.

Este género de razão é algo abstracto, nem sempre está presente na nossa consciência e é de difícil definição. Apesar disto, é uma condição imprescindível para a eficácia do ensino. Para que a escola faça algum sentido, os jovens e os seus pais e professores deverão ter um deus a quem servir ou, se possível, vários deuses. Sem eles, a escola é inútil. O famoso aforismo de Nietzsche torna-se aqui relevante: «Aquele que sabe *porquê* viver poderá suportar quase qualquer *como*.» Isto é válido tanto para a aprendizagem como para a vida. Muito simplesmente, não há modo mais certo de levar o ensino ao seu fim do que não o dotar de um fim.

Quando falo de um deus a quem servir, não me refiro necessariamente ao Deus que supostamente criou o mundo e cujas injunções morais, tal como nos são apresentadas pelos textos sagrados, têm dado a inúmeros indivíduos uma razão para viver e, em particular, uma razão para aprender. No mundo ocidental, a partir do século XIII e durante os quinhentos anos seguintes, esse Deus foi suficiente para justificar a fundação de instituições de ensino, desde as escolas primárias, nas quais as crianças aprendiam a ler a Bíblia, até às imponentes universidades, onde homens eram formados para se tornarem ministros de Deus.

Ainda hoje existem algumas escolas no Ocidente — no mundo islâmico são a maioria — cujo propósito central é o de servir e celebrar a glória de Deus. Nestas escolas o «problema do ensino» não existe, e muito menos existirá uma crise do ensino. Poderão haver algumas divergências sobre quais as disciplinas que melhor promovem a piedade, a obediência e a fé; poderão haver alunos cépticos, até mesmo professores não crentes. Contudo, no âmago destas escolas há uma ideia espiritual e transcendente que traz claridade e propósito à aprendizagem. Mesmo os cépticos e os não crentes sabem porque ali se encontram, o que é suposto aprenderem e as razões pelas quais resistem a esses ensinamentos. Outros sabem igualmente porque se devem ir embora.

Há alguns anos, tive uma conversa amargurada com um brilhante e popular professor de Filosofia da Universidade de Principia, de Elsah, no Illinois. Esta universidade era, e continua a ser, tanto quanto sei, a única instituição de Ensino Superior da Igreja de Cientologia nos Estados Unidos. Contou-me então que os anos que passara em Principia tinham sido os mais felizes da sua vida, mas que aceitara subsequentemente uma posição numa universidade secular por ter deixado de acreditar na doutrina da Igreja de Cientologia. Devo referir que as cadeiras leccionadas por este professor não incluíam a discussão, e muito menos o ensino, desta mesma doutrina. Ninguém, para além dele próprio, teria de saber do seu descontentamento, mas ele deixara de acreditar na finalidade da instituição e todas as disciplinas, independentemente do seu conteúdo, estavam imbuídas do espírito de uma narrativa que não podia já aceitar, e por isso deixou a universidade. Nunca deixei de esperar que este professor desalentado encontre um outro deus a quem servir, uma outra narrativa que traga significado à sua actividade de professor.

Com algumas reservas, mas essencialmente com convicção, utilizo a palavra *narrativa* como sinónimo de *deus* com *d* minúsculo. Sei que é arriscado fazê-lo, não só porque a palavra

deus, por compreender uma aura de sagrado, não deverá ser usada de ânimo leve, mas também por esta invocar uma figura ou imagem fixa. Todavia, a finalidade destas figuras ou imagens é exactamente a de nos encaminhar o espírito para uma ideia e, em particular, para uma história — não uma história qualquer, mas o género de história que fala de origens e imagina um futuro, constrói ideais, estabelece regras de conduta, é fonte de autoridade e, acima de tudo, proporciona um sentido de continuidade e de propósito. Um deus, no sentido em que uso a palavra, é o nome de uma grande narrativa, uma narrativa que possui credibilidade, complexidade e poder simbólico suficientes para permitir que o indivíduo organize a vida em função dela. Emprego a palavra no mesmo sentido em que a usou, por exemplo, Arthur Koestler, quando deu o nome de *O Deus Que Falhou** ao seu livro dedicado aos enganos e às desilusões do comunismo. Neste pretendia demonstrar que o comunismo não era apenas uma experimentação na vida social ou governamental e ainda menos uma teoria económica, mas sim uma narrativa abrangente sobre o próprio mundo, sobre as razões pelas quais as coisas são como são e sobre aquilo que podemos esperar do futuro. Koestler pretendia igualmente demonstrar que o comunismo, apesar do desprezo que demonstrava pela «irracionalidade» das narrativas das religiões tradicionais, não deixava de depender também da fé e do dogma, e continha indubitavelmente as suas próprias noções de blasfémia e de heresia, para além de praticar métodos de excomunhão grotescos e brutais.

Não pretendo de modo algum sugerir com este exemplo que os deuses *deverão necessariamente* falhar; longe disso, embora seja isso que acontece com muitos deles. Durante a minha vida fui testemunha da emergência de três narrativas catastróficas: os

* Os títulos de livros surgirão na sua forma original, caso não tenham sido traduzidos para português. Caso contrário, aparecerão com o título da tradução portuguesa mais recente. (N. T.)

deuses do comunismo, do fascismo e do nazismo — tendo qualquer uma delas prometido o Paraíso e levado apenas ao Inferno. Como o leitor verificará, caso percorra os capítulos que se seguem, vários outros deuses há que capturaram os corações e os espíritos de muitos mas que são incapazes de proporcionar uma razão profunda, tanto para vivermos como para aprendermos. E se avançar mais ainda na leitura, verá que acredito existirem narrativas que intensificam tanto a vida como a aprendizagem, mas que são apenas disponíveis se lhes for dada atenção suficiente: estes são os deuses que *nos* servem, bem como os deuses *a quem* deveremos servir.

Todavia, não pretendo aqui condenar nem enaltecer deuses, mas apenas defender que não podemos existir sem eles; que para além de todas as classificações em que nos inserimos, somos sem dúvida a espécie criadora de deuses. O nosso génio reside nesta capacidade de criar sentido através da construção de narrativas que justificam os nossos esforços, exaltam a nossa História, elucidam o tempo presente e guiam o nosso futuro. Para cumprirem a sua função, estas não necessitam de ser «verdadeiras» no sentido científico. Existem muitas narrativas duradouras contendo pormenores que são facilmente identificáveis como sendo falsos. As narrativas têm como finalidade dar sentido ao mundo, e não descrevê-lo cientificamente. A medida da «autenticidade» ou da «falsidade» de uma narrativa reside nas suas consequências: consegue esta trazer um sentido de identidade pessoal, de vida em comunidade, bases para uma conduta moral, explicações para aquilo que não pode ser conhecido?

O leitor reconhecerá que a este género de relatos têm sido atribuídos muitos nomes diferentes. Joseph Campbell e Rollo May chamam-lhe «mito». Freud, que compreendeu melhor que ninguém a origem criativa e a necessidade psíquica destes contos, chamava-lhes, contudo, «ilusões». Poder-se-á mesmo dizer, sem grande exagero, que também Marx pensaria em algo semelhante ao usar a palavra *ideologia*. Mas não pretendo destrinçar,